

MUSEU TÊXTIL UM SONHO A CONCRETIZAR

Ao longo dos tempos, particularmente nos últimos anos, muitos Famalicenses sonharam com a criação de um Museu Têxtil, em Vila Nova de Famalicão. Esta justa aspiração está a ser concretizada por esta autarquia, com o Projecto do Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, que entrou recentemente numa nova fase, capaz de concretizar finalmente essa ambição de gerações de Famalicenses.

Um concelho que, para além de ter visto nascer e desenvolver-se no seu seio a indústria têxtil, concentra actualmente o maior número e as mais importantes empresas têxteis da Bacia do Ave, não pode esquecer essa componente fundamental da sua História. Cumpre-lhe estudar, salvaguardar e divulgar o valioso património industrial têxtil desta região, infelizmente muitas vezes desprotegido e ameaçado pelas transformações económicas e pela reconversão tecnológica que se tem verificado nas últimas décadas.

Desde o início deste mandato, que a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão tem desenvolvido, e continuará a desenvolver, todos os esforços para dotar o Museu da Indústria Têxtil das condições necessárias para cumprir – com as exigências que actualmente se colocam aos bons projectos de museologia industrial –, a sua missão de preservar a memória têxtil da Bacia do Ave. A constituição de uma equipa dedicada e competente, sob a direcção do Dr. Lopes Cordeiro, foi um dos primeiros passos que realizamos, a que se seguirão outros, que permitirão concretizar em breve este sonho comum.

À população, aos antigos e actuais operários, aos empresários têxteis, a todos eles, com a sua clarividência, apelamos para que assumam também este Projecto, que não só lhes é dirigido como, em grande medida, é também seu, garantindo-lhe o apoio necessário para o seu completo êxito. Desta forma, estamos convictos, será salva-guarda a memória colectiva de uma actividade tão marcante para a nossa identidade social e cultural como é a indústria têxtil.

Arq.º Armando Costa
Presidente da Câmara Municipal

MUSEU DA INDÚSTRIA TÊXTIL NA REDE PORTUGUESA DE MUSEUS

Na sequência de uma visita efectuada às instalações do Museu da Indústria Têxtil, em 9 de Abril de 2003, por parte de responsáveis da Rede Portuguesa de Museus (RPM), o Museu entrou em processo de adesão a esta estrutura museológica, tendo tal decisão sido recentemente comunicada oficialmente.

O Museu da Indústria Têxtil não

preenche ainda integralmente todos os requisitos necessários para integrar a RPM, nomeadamente quanto às suas instalações, incluindo a área de reserva museológica, mas encontra-se neste momento a trabalhar para ultrapassar essas situações.

No entanto, de acordo com o Regulamento de Adesão à RPM, o Museu

(continua na pág. 2)

II ENCONTRO INTERNACIONAL DA SECÇÃO TÊXTIL DO TICCIH

Euskirchen (Alemanha), 3-6 Abril 2003

De 3 a 6 de Abril realizou-se em Euskirchen, na Alemanha, o II Encontro Internacional da Secção Têxtil do TICCIH. Durante quatro dias os participantes assistiram às várias sessões de trabalho e efectuaram inúmeras visitas a diversos sítios e instalações têxteis de interesse histórico e patrimonial, assim como a vários museus têxteis.

Participaram neste II Encontro mais de quatro dezenas de investigadores, oriundos de quase todos os países europeus, que escutaram e discutiram cerca de duas dezenas de comunica-

ções agrupadas em quatro grandes temas: i) as mais significativas instalações têxteis históricas; ii) possibilidades de apresentação ao público das mais significativas instalações têxteis históricas; iii) transferências de tecnologia, conhecimentos e capital na indústria têxtil ao longo da História; e iv) futuras tarefas da Secção Têxtil do TICCIH.

O II Encontro teve início, na tarde do dia 3 de Abril, nas instalações da Landschaftsverband Rheinland, em Co-

(continua na pág. 3)



Parte moderna das instalações do Museu Têxtil de Euskirchen. © JMLC.

(continuação da pág. 1)

da Indústria Têxtil pode desde já beneficiar das acções de formação e do Programa de Apoio Técnico a Museus da RPM, bem como do acesso aos Programas de Apoio à Programação Museológica e à Investigação, assim como ao Estudo de Coleções, constantes do Programa de Qualificação de Museus.

O QUE É A ESTRUTURA DE PROJECTO REDE PORTUGUESA DE MUSEUS

A Estrutura de Projecto Rede Portuguesa de Museus foi criada em 2000, na dependência do Instituto Português de Museus, pelo prazo de três anos, estando inicialmente definido o seu limite temporal em 5 de Junho de 2003. Entre as actividades que tem vindo a desenvolver, contam-se a definição do modelo da Rede Portuguesa de Museus, a concepção e a aplicação do Regulamento de Adesão à RPM, a criação e a execução de programas de apoio técnico e financeiro à qualificação de museus e a promoção de acções de formação.

Em Abril deste ano, perante a necessidade de assegurar a continuidade da sua actividade e de não interromper as acções em curso, a Estrutura de Projecto foi prorrogada por mais

um ano, estando previsto que as suas competências venham a transitar para o Instituto Português de Museus.

Com a próxima aprovação da Lei-Quadro de Museus a Rede Portuguesa de Museus irá ser institucionalizada, estando já definidos no ante-projecto desse documento os requisitos da credenciação dos museus, assim como o regime por que se irá reger futuramente a sua adesão à RPM. Deste modo, a aceitação de novas candidaturas à adesão à Rede Portuguesa de Museus foi suspensa a partir de Maio de 2003, até à aprovação da Lei-Quadro, quando será de novo retomada, de acordo com os novos parâmetros.

O ANTEPROJECTO DE LEI-QUADRO DO MUSEUS

Em 15 de Maio passado, após cerca de um ano de trabalho desenvolvido por um grupo de trabalho constituído para esse efeito, foi entregue ao Ministro da Cultura o ante-projecto da Lei-Quadro de Museus.

De acordo com o Director do Instituto Português de Museus, Manuel Bairrão Oleiro, "o articulado proposto assegura o enquadramento jurídico da realidade museológica portuguesa, define o conceito de museu, estabelece os procedimentos a cumprir na criação de novos museus, identifica as fun-

ções museológicas e regula um conjunto de responsabilidades associadas ao seu cumprimento, determina a necessidade de existência de pessoal qualificado, bem como de recursos financeiros adequados à sustentabilidade do museu, estabelece o modelo de credenciação de museus, prevê formas descentralizadas de apoio técnico, institucionaliza a Rede Portuguesa de Museus e cria um órgão novo, o Conselho de Museus, órgão consultivo na dependência directa do Ministro da Cultura".

Ainda segundo o Director do IPM, trata-se de um documento "que reforça as responsabilidades das entidades públicas e privadas que possuem museus, da mesma forma que reforça a responsabilidade das equipas técnicas que neles trabalham, na procura comum de novos patamares de exigência, a alcançar como resultado de constantes iniciativas de qualificação dos museus e dos serviços por eles prestados".

Este importante documento, cuja necessidade já se fazia sentir há muitos anos, irá ser debatido na Assembleia da República, após a sua aprovação em Conselho de Ministros, esperando-se que entre rapidamente em vigor a fim de contribuir para a indispensável qualificação da museologia portuguesa.

SEMANÁRIO EXPRESSO SUGERE VISITA AO MUSEU DA INDÚSTRIA TÊXTIL

A edição de 11 de Janeiro de 2003 do Guia da Semana do semanário Expresso sugere aos seus leitores uma visita ao Museu da Indústria Têxtil, num artigo de duas páginas, com três fotografias de máquinas da exposição permanente do Museu da Indústria Têxtil, e ainda com indicações sobre a sua localização e horários de abertura ao público.

Com o título "A história têxtil do Vale do Ave", o semanário destaca que "neste museu, o visitante pode tomar conhecimento da história das fábricas, meios de produção, alterações económicas, além de muitas histórias das

lutas dos milhares trabalhadores desta indústria. É o passado, o presente e parte do futuro das gentes desta região que se encontram representados neste espaço". O repórter do Expresso chama ainda a atenção para "as várias máquinas em exposição [que] reflectem a evolução da indústria têxtil ao longo do último século. Nas quintas de manhã (apenas por marcação), dois operários têxteis reformados, dão novamente vida à maquinaria, fazendo-a trabalhar". Por fim, salienta que "neste museu existe ainda um centro de documentação que permite uma consulta aprofundada".

SUGESTÕES

VISITA

A história têxtil do Vale do Ave

A INDÚSTRIA têxtil tem uma grande tradição na estrutura económica portuguesa. Em meados do séc. XVIII, foram estabelecidas as primeiras fábricas no país. Ao longo dos anos, a importância desta indústria foi crescendo e, no início do século passado, chegou a representar mais de 50% das exportações nacionais. A história recente do Vale do Ave é indissociável da história da implantação e desenvolvimento da indústria têxtil que, a partir de meados do século XIX, lhe veio trazer novos ritmos económicos, sociais e culturais – além de profundas alterações paisagísticas.

lançado em 1998 no espaço de um antigo armazém têxtil, o Museu da Indústria Têxtil propõe ao visitante uma viagem no tempo. Neste museu, o visitante pode tomar conhecimento da história das fábricas, meios de produção, alterações económicas, além das muitas histórias das lutas dos milhares de trabalhadores desta indústria. É o passado, o presente e parte do futuro das gentes desta região que

1896, abre a exposição. Depois, aconselha-se ao visitante o vídeo de oito minutos que o ajudará a compreender a história da indústria têxtil no Vale do Ave. Logo à entrada,



São muitas as máquinas que podem



(continuação da pág. 1)

lónia, onde foram apresentadas as boas vindas aos participantes por parte de Karl Bechtel, vice-director do Landschaftsverband Rheinland, de Milena Karabaic, directora do Rheinisches Industriemuseum, e também de Detlef Stender, como responsável pela organização do II Encontro. No final, os participantes efectuaram uma visita guiada ao centro histórico de Colónia, que incluiu uma travessia pela imponente ponte ferroviária sobre o Reno – a Hohenzollernbrücke –, construída em 1948.

O programa do dia seguinte iniciou-se, logo de manhã, nas instalações do Museu de Euskirchen – um dos pólos da rede de museus industriais que integram o Rheinisches Industriemuseum – o qual reutiliza uma antiga fábrica de tecidos de lã, a Tuchfabrik Müller, cuja parte mais antiga data de 1801. Toda a manhã foi consagrada à apresentação e discussão das comunicações que integravam a primeira sessão de trabalho, dedicada à análise das mais significativas instalações têxteis históricas, sendo abordados os casos da Grã-Bretanha, França, Espanha (Catalunha), Alemanha e Bélgica. A sessão decorreu ainda durante a parte da tarde, sendo apresentados exemplos de várias instalações fabris têxteis de interesse histórico na Escócia, Grã-Bretanha, Itália, França e Polónia. No intervalo entre as duas sessões os participantes efectuaram uma visita guiada à Tuchfabrik Müller.

A TUCHFABRIK MÜLLER DE EUSKIRCHEN

Inaugurado há cerca de três anos, o Museu de Euskirchen é composto por duas áreas distintas: a primitiva Tuchfabrik Müller, que se encontra integralmente preservada e em funcionamento, e uma parte moderna onde se encontram instalados os diversos serviços do Museu, a qual foi o local escolhido para a realização deste II Encontro da Secção Têxtil do TICCIH.

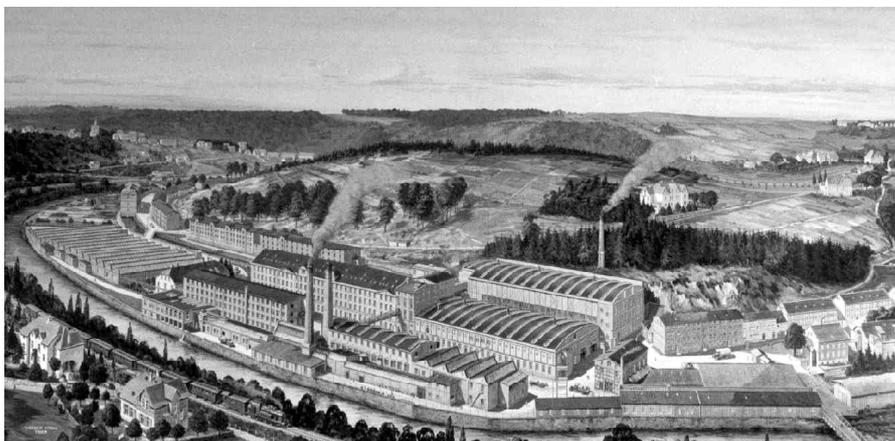
A parte mais antiga do Museu, constituída actualmente pela Tuchfabrik Müller, começou a ser construída em 1801 para aí se instalar um moinho de papel, que trabalhou até 1843. Estas instalações – representadas pelo edifício principal, em forma de L –, passaram então a albergar uma fição de

lã, as quais, um pouco mais tarde, foram ampliadas com uma tecelagem. Os restantes edifícios que, entretanto, foram sendo edificados, passaram a alojar os escritórios da fábrica, os armazéns, e a casa das máquinas, com uma máquina a vapor e respectivas caldeiras, as quais datam de 1860.

Em 1894 a fábrica de lanifícios é adquirida por um empresário chamado

A FÁBRICA DE LANIFÍCIOS DE WÜLFING & SON DE DAHLERAU

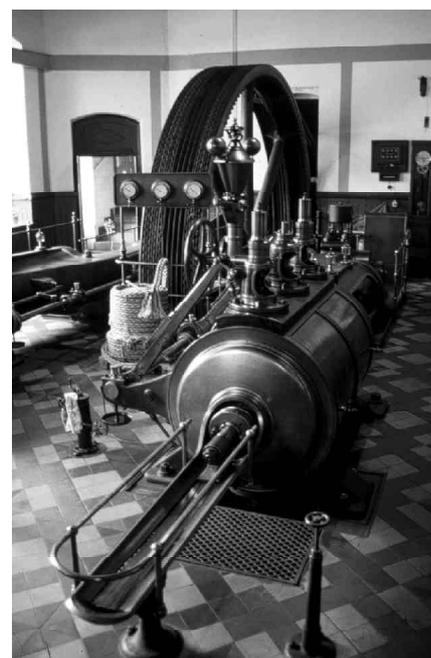
O programa do dia seguinte – repartido entre visitas a antigas fábricas têxteis e sessões de trabalho – conduziu os participantes a Radevormwald/Dahlerau, próximo de Wuppertal, onde se localizam as impressionantes instalações da fábrica de lanifícios de



Fábrica de Lanifícios de Wülfing & Son, em Dahlerau. © Museu de Dahlerau.

Ludwig Müller que não só mantém as secções de fição e tecelagem como introduz uma nova secção de confecção, produzindo as mais diversas variedades de vestuário de lã, actividades que, a partir de 1929, têm continuidade com o seu filho Kurt Müller. Este mantém a laboração da fábrica com a maior parte das máquinas que o pai aí tinha instalado nos finais do século XIX, até que em 1961, em virtude da escassez de encomendas, se vê obrigado a suspender a laboração. No entanto, ultrapassada a crise, consegue repor a actividade normal da empresa até à década de 1980, quando esta cessa definitivamente a produção. O facto da maior parte das máquinas que datavam dos finais do século XIX ainda se conservarem nas instalações fabris, assim como dos edifícios, levou a que responsáveis pelos monumentos históricos se interessassem pela sua conservação, uma vez que constituíam um raro conjunto susceptível de apresentar hoje em dia uma fábrica de lanifícios em funcionamento, tal como era nos finais do século XIX. Após um prolongado período de restauro e de adaptação dos edifícios para visitas públicas, a Tuchfabrik Müller foi inaugurada em Setembro de 2000 como museu têxtil, integrando a rede do Rheinisches Industriemuseum.

Wülfing & Son, fundada no início do século XIX. Situada ao longo do rio Wupper, num agradável vale fortemente arborizado, esta fábrica esteve encerrada durante bastantes anos, sendo hoje em dia as suas instalações ocupadas por cerca de duas dezenas de empresas, que reutilizam alguns dos edifícios. Uma das partes que não se



Fábrica de Lanifícios de Wülfing & Son, em Dahlerau: máquina a vapor de 300 cv construída em Ausgbourg em 1891 e utilizada até 1961, ainda em condições de pleno funcionamento. © JMLC.

encontram ocupadas por estas empresas – e que corresponde a um dos edifícios mais antigos, composto por vários andares –, conserva ainda as máquinas que equipavam a primitiva fábrica de lanifícios aquando do encerramento da sua actividade produtiva, constituindo o embrião de um museu têxtil cujos responsáveis aguardam o indispensável financiamento para que o mesmo seja convenientemente instalado. Uma das principais atracções do museu é uma magnífica máquina a vapor, que fornecia energia à fábrica, de 300 cv – que tem sido alvo de cuidadosa manutenção, encontrando-se em perfeito estado de funcionamento – fabricada em Augsburg em 1891 e que esteve ao serviço da fábrica até 1961.

Este sítio industrial tem uma longa história, que data dos finais do século XVIII, quando foi aí instalado, em 1788, um complexo metalúrgico dispondo de várias forjas. Em 1816, J. A. e J. Hardt adquiriram este complexo e, em 1833, foi ali instalada uma primeira fábrica de fição de lã, de quatro andares, que laborava com a energia de uma máquina a vapor. Vítima de um incêndio ocorrido em 1836, a fábrica foi imediatamente reconstruída e em 1859, paralelamente ao edifício então existente, foi construída uma segunda fábrica, de cinco andares – projectada pelo arquitecto Christian Heyden –, equipada com novas máquinas a vapor, cerca de uma centena de teares e as primeiras selfactinas, para além de um conjunto de habitações para operários que permitiam o alojamento de 100 famílias. Em 1867 é acrescentada uma primeira série de sheds, projectados pelo arquitecto Barmen, e cinco anos mais tarde as instalações de ambas as fábricas são ampliadas em 18 metros. Os anos de 1890-1891 registam profundas alterações: são edificadas dois novos salões de tecelagem e é instalada uma nova máquina a vapor (referida anteriormente). Em 1899 são renovadas as turbinas que tinham sido instaladas em 1860, as quais serão substituídas em 1922. Finalmente, em 1904, uma parte das instalações de 1859 são convertidas nos novos escritórios para a administração, mantendo-se a empresa em contínua laboração até ao seu encerramento definitivo em 1961.

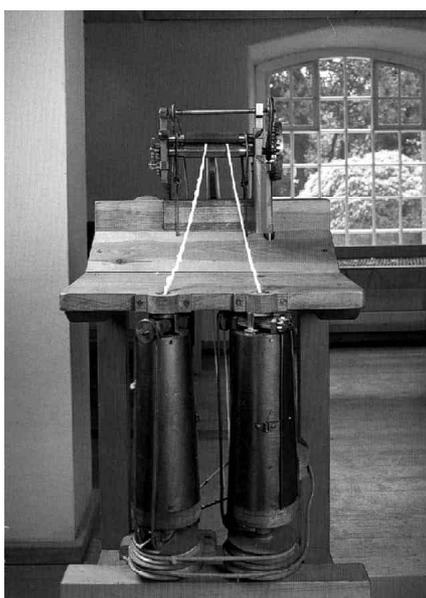
A PRIMEIRA FÁBRICA EUROPEIA EM RATINGEN

A fição de algodão “Cromford” de Ratingen, próximo de Düsseldorf, foi construída em 1783-1784, pelo empresário Johann Gottfried Brügelman – até então comerciante e sub-arrematante de impostos de Elberfeld –, sobre as fundações de um antigo moinho, do qual aproveitou a instalação hidráulica. Era já uma fábrica moderna, utilizando maquinaria de fição importada

de Inglaterra. O sucesso comercial da empresa de Brügelman foi bastante rápido – o que é compreensível dada a inexistência de concorrência – e passados apenas três anos o empresário construiu, junto das instalações fabris, uma esplêndida mansão senhorial, no estilo barroco, recriando o estilo de construção característico dos castelos de recreio, usados pela nobreza local e então muito apreciados. Nessa sua residência – igualmente denominada “Cromford” –, numa zona contígua às



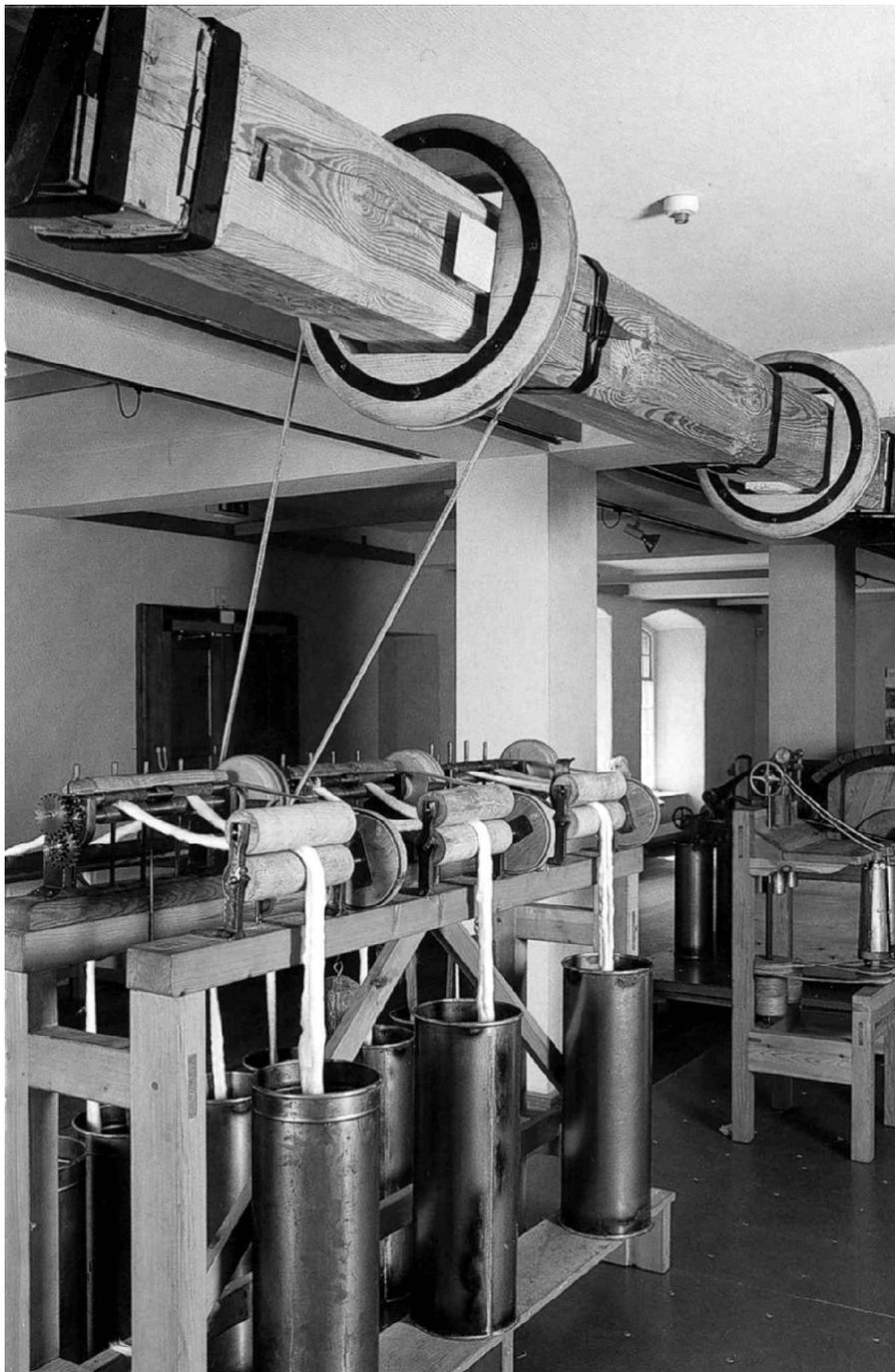
Fábrica de Fiação de Algodão “Cromford” de Ratingen, actualmente musealizada.
© Rheinisches Industriemuseum.



Protótipo de um dos primeiros exemplares de laminadores (1776). © A. Schiblon, Rheinisches Industriemuseum.

áreas de habitação e do salão de festas, Brügelman instalou os primeiros escritórios da empresa.

Em 1795, após a edificação da sua mansão, Brügelman ampliou a fábrica com a construção de novas instalações fabris, a denominada “fábrica alta”, um edifício em cinco andares, segundo o modelo britânico de fábricas de fição de algodão então vigente. Por essa razão, Brügelman denominou a nova fábrica de “Cromford”, em alusão à famosa fição que em 1771 Richard Arkwright edificou próximo de Matlock, no Derbyshire, para albergar as suas water frames. Para a edificação desta fábrica, Brügelman contratou expressamente técnicos ingleses – que trabalharam sob a orientação do arquitecto da corte de Düsseldorf, Rutger Flüger –, dado que não havia ainda



Fiação de algodão "Cromford" de Ratingen, próximo de Düsseldorf. A secção de fiação pode ser vista no 1.º andar do Museu. © Rheinisches Industriemuseum.

qualquer experiência da construção de edifícios deste tipo fora da Grã-Bretanha. Por este motivo, os responsáveis do Rheinisches Industriemuseum – de cuja rede museológica, esta fábrica constitui mais um pólo – consideram que esta foi a primeira fábrica moderna de fiação de algodão da Europa Continental. Para além da facilidade de acesso à energia hidráulica, a sua localização foi também escolhida pelo facto de em Ratingen – uma zona então totalmente rural – o custo dos salários praticados ser inferior ao das zonas urbanas, nomeadamente da ci-

dade de Wuppertal. Em 1800, o empresário acrescentou os novos edifícios dos escritórios, assim como as habitações para os operários, os primeiros alojamentos deste tipo na Alemanha.

O complexo inicial – constituído pelas primeiras instalações fabris, as habitações operárias, os escritórios e a mansão senhorial – sobreviveu a todas as expansões que a empresa foi conhecendo ao longo dos tempos. Após o seu encerramento em 1977, foi possível evitar a destruição deste conjunto único graças à entidade responsá-

vel pela conservação dos monumentos históricos da Alemanha.

A fábrica "Cromford" de Ratingen, tal como se apresenta hoje em dia, foi magnificamente restaurada. O objectivo dos responsáveis pelo Rheinisches Industriemuseum foi o de mostrar a história da pré-industrialização e a introdução do sistema de fábrica na Alemanha, reconstituindo meticulosamente uma fábrica dos finais do século XVIII, com todas as máquinas então utilizadas numa fiação de algodão. Um trabalho verdadeiramente excepcional, aliando o rigor histórico a uma eficaz encenação museográfica, que apresenta ainda a característica de todas as máquinas estarem em funcionamento. Uma poderosa roda hidráulica em madeira, construída segundo todos os pormenores das que existiam na década de 1780, acciona essas mesmas máquinas de fiação que transformam o algodão de matéria-prima em fio, exactamente como naquela época se verificava.

Para além dos aspectos técnicos da produção, o Museu da fábrica "Cromford" de Ratingen aborda também as temáticas sociais e culturais: as condições de trabalho do operariado – homens, mulheres e crianças –, a escola da fábrica, a protecção do trabalho, os salários auferidos, assim como as condições de vida e de habitação de todos os que trabalhavam na fábrica, são alguns dos pontos fortes do percurso expositivo que se encontra à disposição dos visitantes. A mansão dos Brügelman – que, desde então, constituíram três gerações de empresários – também pode ser visitada, nomeadamente os aposentos mais representativos da habitação, que mostram o estilo e o modo de vida desta antiga família de fabricantes.

Para além da visita ao Museu da fábrica "Cromford" de Ratingen os participantes no II Encontro assistiram também à apresentação das comunicações que integravam a segunda sessão de trabalho, englobando dois temas: "possibilidades de apresentação ao público das mais significativas instalações têxteis históricas" e "transferências de tecnologia, conhecimentos e capital na indústria têxtil ao longo da História". Para além daquele conjunto de comunicações, foi também apresentado o projecto da Rede Têxtil Europeia – European Textile Network (ETN).

VERVIERS – A CIDADE DA ÁGUA E DA LÃ

O último dia dos trabalhos deste II Encontro da Secção Têxtil do TICCIH iniciou-se com uma visita à cidade belga de Verviers e ao Centro Turístico da Lã e da Moda, em cujas instalações se realizou a segunda parte da segunda sessão de trabalho, no âmbito da qual foram apresentadas várias comunicações sobre as “transferências de tecnologia, conhecimentos e capital na indústria têxtil ao longo da História”.

O Centro Turístico da Lã e da Moda encontra-se instalado numa parte significativa da antiga fábrica de tecidos

e de estofos de lã Bettonville – que laborou entre 1855 e 1970 –, a qual ocupou o local onde anteriormente, de 1815 a 1855, existia uma fiação de algodão, ela própria sucessora da antiga manufactura de Thier, que remontava a 1725. Nas instalações do Centro Turístico da Lã e da Moda, um magnífico edifício de estilo neoclássico, em U, em redor de um pátio rectangular, os participantes puderam visitar a exposição permanente, apresentada em forma de percurso-espectáculo, o qual aborda todas as etapas do trabalho da lã, tal como se realizava antigamente em Verviers. Intitulado “Du Fil à la Mode”, este percurso-espectá-

do antigo salão da família Their, tal como era no início do século XIX incluindo o respectivo mobiliário original, assim como salas para seminários (onde se realizou a sessão de trabalho do II Encontro) e para exposições temporárias. O Centro Turístico da Lã e da Moda – actualmente animado por uma dezena de entusiastas, dirigidos por Henri Leboutte – constitui ainda o ponto de partida para um percurso de turismo industrial, denominado “Je fille en ville”, através do qual o visitante percorre os principais exemplares do património industrial do centro urbano e dos passeios da avenida que se situa ao longo do rio Vesdre, no qual se encontram expostas – como obras de arte ao ar livre – uma série de máquinas representativas do trabalho da lã, entre elas um “leviathan”, uma máquina gigantesca onde a lã é desembarçada das suas impurezas, concebida em 1863 por Eugène Mélen, um mecânico de Verviers. O percurso pelo património industrial de Verviers terminou com a visita às instalações da antiga fábrica “Solvent Belge”, fundada em 1899 com o objectivo de explorar a invenção de Emile Maertens, de Providence (nos Estados Unidos da América) para desengordurar a lã e outras matérias têxteis, através de um dissolvente químico. JMLC



Verviers: Centro Turístico da Lã e da Moda, instalado num edifício de estilo neoclássico. © JMLC.



Verviers: antiga máquina têxtil inserida no percurso urbano de turismo industrial “Je fille en ville”. © JMLC.

culo pretende constituir um centro de interpretação da lã, desde a tonsura do carneiro até à história do vestuário através dos tempos, passando pelas diferentes fases da elaboração e da venda das matérias-primas e dos estofos. Foi em Verviers que o mecânico inglês William Cockerill realizou as suas primeiras invenções mecânicas, adaptando para a indústria de lanifícios as primeiras máquinas britânicas concebidas para a fiação de algodão. Deste modo, Verviers beneficiou do avanço tecnológico de que a Grã-Bretanha desfrutava, afirmando-se como um dos mais modernos centros têxteis europeus.

Para além do Centro Turístico da Lã e da Moda, o edifício alberga também a “Maison du Tourisme du Pays de Vesdre”, um “Centro de Documentação sobre a Lã”, uma reconstituição

PARA SABER MAIS:

- BOLENZ, Eckhard, et al. (1996), *Die Erste Fabrik, Ratingen-Cromford: [Katalog]*. Köln [i.e.] Pulheim: Rheinland-Verl.
- COUMONT, Sophie (2001), *Itinéraire de l'Eau et de la Laine au Pays de Vesdre*. Verviers: Société Royale Belge de Géographie/Maison du Tourisme du Pays de Vesdre.
- DOUET, James (2003), “II International Meeting of the Textile Section, Euskirchen, Germany”, *TICCIH Bulletin*, Terrassa, 21: 3.
- DUFRESNE, Geneviève (2003), “TICCIH – Rencontres de la section textile à Euskirchen (Allemagne) 3-6 avril 2003”, *L'Archéologie Industrielle en France*, Vannes, 42: 73-75.
- GAIER, Claude (2000), “Le nouveau Centre Touristique de la Laine et de la Mode de Verviers”, *Patrimoine Industriel Wallonie-Bruxelles, Liège*, 41: 8-9.

OS ARQUIVOS PARTICULARES

Miriam Halpern Pereira

Directora do IAN/TT

Os arquivos particulares constituem, desde longa data, uma fonte muito importante para os historiadores. A biografia e a história política são os géneros historiográficos clássicos, mais claramente dependentes de documentação particular, embora não indispensável, como o testemunha a biografia de Fontes Pereira de Melo da autoria de Filomena Mónica. Fontes é um exemplo gritante de negligência familiar. Outras grandes figuras tiveram mais sorte. Os manuscritos de Mouzinho da Silveira deram entrada na Biblioteca Nacional em 1895, pela mão de um juiz que reparou nos documentos acumulados num canto do Tribunal da Boa-Hora.

O carácter aleatório do destino deste tipo de espólios, que persiste nos nossos dias, resulta da inexistência de legislação sobre os arquivos de personalidades políticas que defina a fronteira entre documentos de funções e documentos privados. Hoje, os descendentes de personalidades têm a noção do valor cultural do espólio herdado. Infelizmente, essa consciência é por vezes acompanhada por uma vontade de o transformar em fontes de rendimento, desrespeitando a vontade expressa do autor do espólio.

Mas os arquivos particulares, pela sua abrangência, interessam quase todas as áreas da historiografia. Mesmo os arquivos pessoais. Os documentos que permitem compreender o modo de vida e de pensar do homem e da mulher de diferentes meios sociais, são também muito valorizados pelos investigadores. O diário de um moleiro (Ginsburg), o diário de uma mulher burguesa (Perrot), ou um grande proprietário agrícola (Alentejo), são exemplos que atestam o interesse de fontes mais anónimas.

O universo dos arquivos particulares é extremamente diversificado. Nele se incluem arquivos pessoais, de personalidades de diferentes domínios, arquivos de família, de empresas, de associações e sindicatos, e ainda o universo dos arquivos da Igreja. Há um vasto campo de pesquisa a nível distrital e municipal a efectuar em rela-

ção a este universo polifacetado. Não é de mais salientar a sua urgência, pode-se chegar tarde demais. O recente Arquivo Municipal de Seia já não encontrou os arquivos da lã identificados por Carvalho Dias. Há o risco de ter ocorrido o mesmo às múltiplas pequenas empresas industriais do Vale do Ave e do Porto. Felizmente constituiu-se ainda a tempo o Arquivo dos Lanifícios na Covilhã. Poderia pensar-se que a dimensão e sentido da história estariam associadas, contudo infelizmente nem sempre é assim, como o indicam a total ausência de arquivos das duas principais sociedades oitocentistas de comércio e navegação, Orey e Pinto Bastos.

O acaso salvou o arquivo da C.^a das Lezírias do Tejo e do Sado do grande incêndio nos escritórios de Samora Correia, que neste caso a empresa soubera preservar ao longo de 164 anos. O seu depósito no IAN/TT vai agora viabilizar o acesso público, o mesmo ocorrendo com o arquivo da Siderurgia Nacional, doado ao IAN/TT, que se vêm acrescentar a anteriores doações empresariais de vulto, a Companhia de Moçambique, o Crédito Predial Português e a CTMN.

O universo polifacetado das associações abrange desde os lares às agremiações profissionais ou de socorros mútuos. Também aqui à dimensão não equivale necessariamente apreço pelo seu próprio passado. O arquivo histórico da Associação Industrial foi há muito destruído, quando passou da Av.^a Infante Santo para a antiga FIL, o da Real Associação Central da Agricultura está algures num depósito no Alentejo, estamos a tentar localizá-lo. Os arquivos de partidos são quase inexistentes, o que se prende em parte com a própria história política e arquivística. Mas ainda existe uma importante documentação dos arquivos de socorros mútuos e dos sindicatos dispersa por todo o país. A colaboração dos arquivos distritais e dos municipais é decisiva. É necessário chegar a tempo, amanhã pode ser tarde. (Publicado com permissão da autora. Originalmente, no boletim Arquivos Nacionais, n.º 4, Junho 2003)

NOVAS INCORPORAÇÕES NO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO / ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA INDÚSTRIA TÊXTIL

O arquivo da Fábrica de Fiação de Algodão do Bugio, foi recentemente doado ao Museu. Esta fábrica, fundada em 1873, constitui um caso interessante de investimento na indústria de capitais provenientes de ex-emigrantes no Brasil, no montante de 150.000\$000 reis. Dois anos mais tarde iniciam-se os estudos para a construção das suas instalações, tendo a fábrica começado a laborar em 1879. As máquinas de fiação foram fornecidas pela firma inglesa John Hetherington & Sons, e a sua instalação foi acompanhada por James Lickfold, um mestre inglês que passou a dirigir a fábrica, fixando a partir de então residência em Fafe. O Inquérito Industrial de 1881 indica que, naquela data, dispunha de 6.000 fusos e aproveitava a energia hidráulica com base na utilização de duas turbinas de 35 CV cada, podendo no entanto atingir os 50 CV. Em virtude da irregularidade da corrente, e da escassez de água durante o período da estiagem, a Direcção da fábrica tinha encomendado uma máquina a vapor de 80 CV, tendo em vista a futura ampliação das suas instalações. Efectivamente, o Inquérito Industrial de 1890 refere não só um aumento de capital para 170.000\$000 reis, como uma renovação dos seus equipamentos motores: as duas turbinas foram substituídas por uma outra de 120 CV, e instalada uma máquina a vapor (igualmente de 120 CV). A partir de 1896 passou a explorar também a indústria de tecelagem. Atendendo ao seu significado económico, a Fábrica de Fiação do Bugio pode considerar-se a segunda fábrica moderna instalada na Bacia do Ave pois todas as anteriores, com excepção da fábrica de Negrelos, terão de aguardar até ao final do século XIX para adquirirem uma dimensão que lhes confira alguma importância a nível industrial.

edições do museu

Boletim Informativo do
Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave
ISSN 0871-3235

Editado semestralmente pelo Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, este Boletim informa-o não só sobre as actividades do Museu, como de outras iniciativas realizadas no país e no estrangeiro, no âmbito da arqueologia, do património e da museologia industrial.



I Série, N.º 1 (esgotado)



I Série, N.º 2 (esgotado)



I Série, N.º 3 (esgotado)



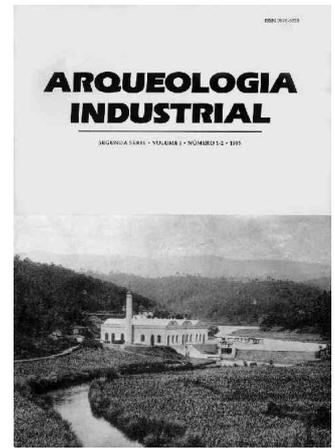
I Série, N.º 4 (esgotado)



II Série, N.º 1
Janeiro-Junho 2003
(Preço: 3,00€)

Arqueologia Industrial
ISSN 0870-8355
II Série, Vol. I, N.º 1-2
(Preço: 12,50€)

Fundada em 1987, a revista científica do Museu é a única publicação do seu género que se edita em Portugal. Para além de artigos sobre os mais variados aspectos da sua temática, publica ainda resenhas críticas de livros, exposições e um calendário das realizações científicas que ocorrem nesta área, em Portugal e no estrangeiro.



FORMULÁRIO DE ASSINATURA

MUSEU DA INDÚSTRIA TÊXTIL

Boletim Informativo do Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave
(ver o preço da assinatura na ficha técnica)

Nome: _____ Título: _____
 Instituição (caso se aplique): _____
 Endereço: _____
 Código Postal: _____ Localidade: _____ País: _____
 Telef.: _____ Fax: _____ E-mail: _____
 Cheque n.º: _____ (endossado à Câmara Municipal de V. N. Famalicão) no valor de: _____
 Banco: _____ Vale Postal n.º: _____ Contribuinte n.º: _____

Fotocopie este formulário e envie-o para: Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave
Rua José Casimiro da Silva • Outeiro – Calendário • 4760-355 Vila Nova de Famalicão

COMEÇAR DE NOVO

José Manuel Lopes Cordeiro

Como é do conhecimento público, ao longo da última década, o Museu da Indústria Têxtil conheceu um indesejável conjunto de problemas internos, alguns deles particularmente graves, que tiveram como resultado não só algumas opções inteiramente erradas assim como consequências negativas no desenvolvimento e consolidação deste Projecto. Num texto que valerá a pena hoje em dia recordar, intitulado "Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave: um museu para um território" (publicado na revista *Arqueologia Industrial* em 1997), efectuávamos do seguinte modo o balanço que naquela época era possível fazer de todas as vicissitudes por que o Projecto do Museu da Indústria Têxtil tinha passado: "os obstáculos que o desenvolvimento deste Projecto conheceu, nomeadamente na concretização da sua dimensão ao nível de toda a Bacia do Ave, serão certamente ultrapassados no futuro. As conjunturas alteram-se, as orientações mudam, outras soluções hão-de necessariamente surgir. Uma certeza, porém, fica aqui registada: o Projecto do Museu da Indústria Têxtil continua em aberto e a todo o momento poderá ser retomado no seguimento do seu espírito inicial".

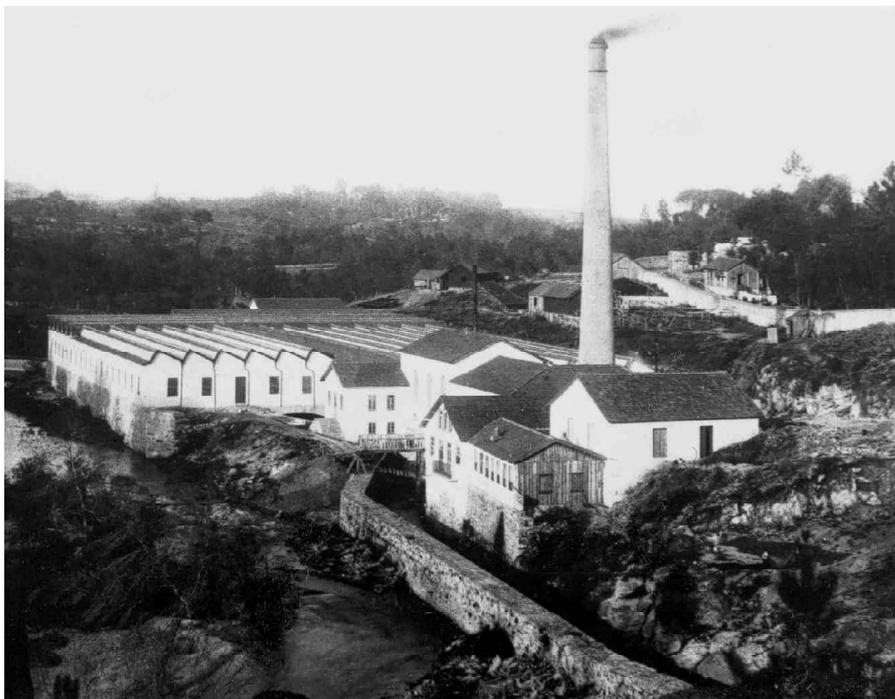
O vaticínio então efectuado sobre o futuro do Projecto do Museu da Indústria Têxtil cumpriu-se integralmente. A actividade do Museu, assim como o próprio Projecto, regressaram ao seu espírito inicial e hoje em dia, apesar de algumas dificuldades resultantes das já referidas opções erradas tomadas nesse passado recente – que iremos, seguramente, resolver –, o Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave retoma a sua actividade no respeito pelas suas linhas programáticas iniciais, as únicas que, como a experiência tem mostrado, são susceptíveis de fazer com que esta instituição possa responder ao seu grande objectivo de fundo: devolver às populações da Bacia do Ave a história que ao longo das duas últimas centúrias elas próprias protagonizaram, e que em grande medida foi a responsável pelos traços que hoje em dia marcam a identidade desta região. Nesse

sentido, valerá a pena recordar aqui as linhas gerais desse programa museológico, que se mantém plenamente actual, e que constituirão a orientação para o nosso trabalho:

i) um museu descentralizado: a relação entre a indústria têxtil e os cursos de água da Bacia do Ave assume tal evidência que será desnecessária uma grande ênfase nesta questão: estes cursos de água não só forneceram (e ainda fornecem) a energia indispensável para o accionamento das fábricas (rodas hidráulicas, turbinas, centrais hidroeléctricas), razão para a implantação das primeiras unidades industriais nas margens desses rios,

e os serviços necessários à sua actividade, será indispensável constituir progressivamente diversos núcleos museológicos em toda a Bacia do Ave, a fim de possibilitar uma tradução adequada do processo de industrialização que atravessou toda aquela sub-região. Aliás, toda a Bacia do Ave (se exceptuarmos talvez o caso do rio Este) possui uma continuidade muito precisa, ao nível das actividades industriais nela desenvolvidas, que torna completamente artificiais as várias fronteiras concelias;

ii) um museu como um centro de animação cultural: pensar um museu como representação da sociedade in-



Fábrica "Sampaio, Ferreira", fundada em Riba d'Ave em 1896. Fotografia da época. © MIT.

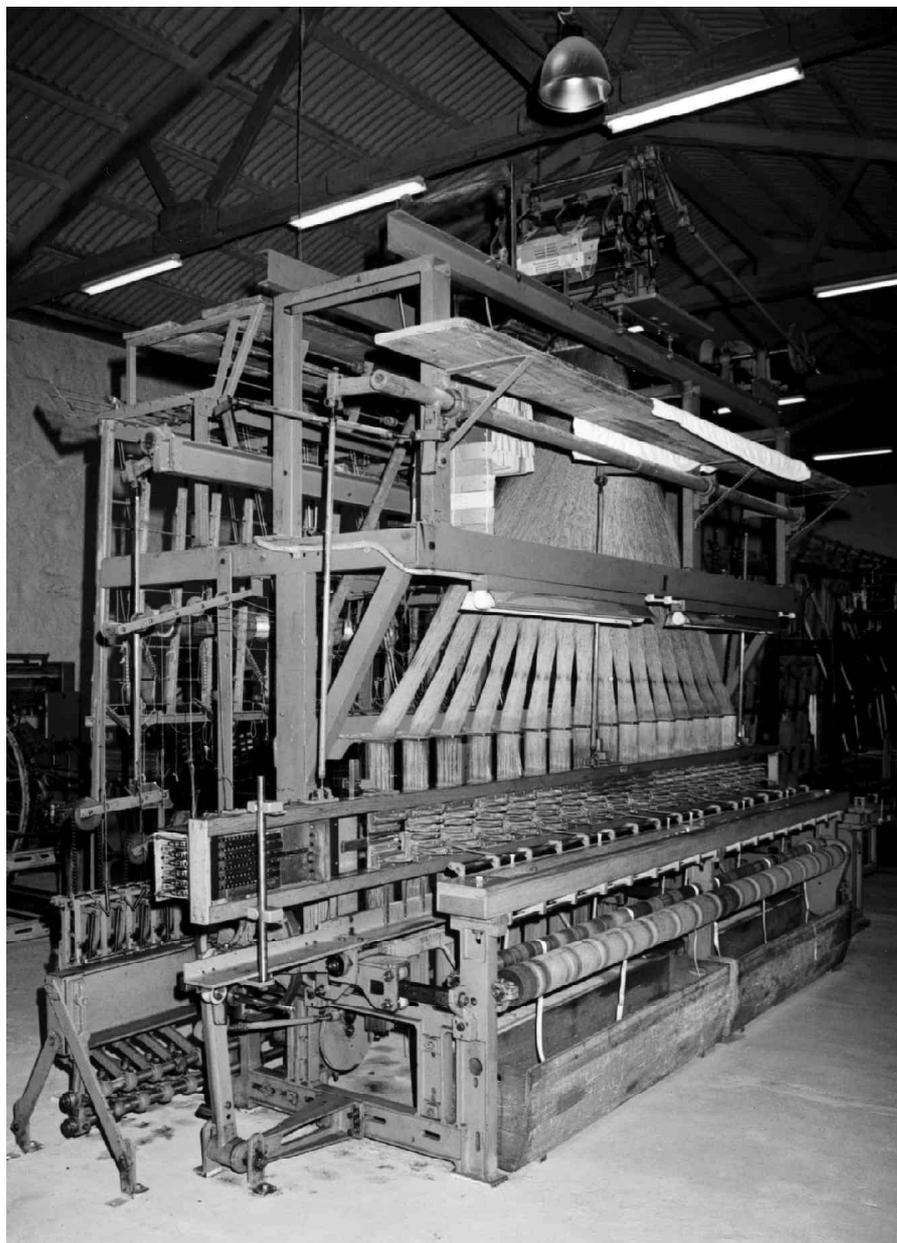
como constituiram (e constituem) canais de escoamento dos efluentes produzidos pelas mesmas, marcando indelevelmente um traço na nova paisagem criada pela indústria. Nas margens do Ave, do Vizela, do Este, do Selho, do Ferro e do Bugio, encontramos as marcas desse processo cuja memória pretendemos fixar. Deste modo, se bem que o Museu da Indústria Têxtil necessite de possuir um "núcleo central" – de preferência instalado num antigo edifício fabril –, onde estejam instalados as infra-estruturas

industrial criada a partir de meados do século XIX, significa não nos limitarmos apenas aos locais de produção e aos equipamentos, mas a tudo aquilo que definiremos como património industrial no sentido lato desta expressão; sem pretender sermos exaustivos apontaremos algumas das suas componentes essenciais: sector de produção industrial, objectos e documentos sobre a história das empresas, produtos industriais, documentos e objectos sobre a história dos sindicatos e do movimento operário, documentos e

objectos sobre o desenvolvimento dos meios técnico-industriais de transportes e comunicações, edifícios industriais e a sua arquitectura, a ciência e a sua relação com o desenvolvimento industrial, objectos e documentos sobre o tema "indústria e ambiente", objectos sobre o tema "arte e indústria". São inúmeras, portanto, as possibilidades de estabelecimento de uma relação estreita entre o Museu e a comunidade circundante, cuja colaboração na actividade museológica permitirá a fixação de uma memória na qual aquela virá a ser representada. Por outro lado, a renovação museológica que (também) a arqueologia industrial produziu no campo da museologia técnica e industrial, contribuiu para o surgimento de novos conceitos de museu: os museus "abertos" (open-air museums) e os ecomuseus, ou seja, aqueles em que os visitantes podem observar um motivo musealizado tal como ele se produzia na vida real; no nosso caso, consistirá na criação de núcleos museológicos que conservem, tanto quanto possível, as instalações e os equipamentos originais a funcionar, simulando a manutenção de uma actividade já desaparecida. Esta possibilidade, no caso de um museu descentralizado, não é difícil de realizar e contribuirá para aumentar a sua capacidade de atracção;

iii) um museu-centro de investigação: recusando uma concepção que, infelizmente, ainda não desapareceu por completo, a de constituir um simples armazém-mostruário de peças sem uma coerência própria, que dificilmente representaria a complexidade das transformações ocasionadas pelo surgimento da sociedade industrial, propõe-se a criação de uma instituição fundamentada e implantada de maneira diferente, em permanente renovação, incorporando os resultados que a investigação na sua área temática for proporcionando;

iv) um museu como expressão da cultura técnica: um museu industrial, na nossa época de profunda e permanente renovação tecnológica, deverá ampliar as funções pedagógicas que normalmente estão atribuídas aos museus; isto é, deverá não só explicar a técnica no seu contexto económico, social e produtivo, como contribuir para a diminuição do tradicional divórcio entre a cultura técnica e a cultura huma-



Tear "Jacquard" oferecido ao Museu pela Fábrica "Carvalhos & Guimarães, Lda." © MIT.

nística, que se encontra tão enraizado na nossa sociedade; em Portugal, assim como em alguns outros países, existe uma desvalorização social e pedagógica da cultura técnica, o que tem influído negativamente no nosso sector da formação profissional e, consequentemente, no próprio desenvolvimento do país; a actividade do Museu da Indústria Têxtil deverá englobar um conjunto de iniciativas que, dentro do seu âmbito temático, contribuam precisamente para resgatar a importância social e pedagógica da cultura técnica, entre as quais cumpre destacar um estreito relacionamento com os diferentes níveis de ensino tecnológico e profissional.

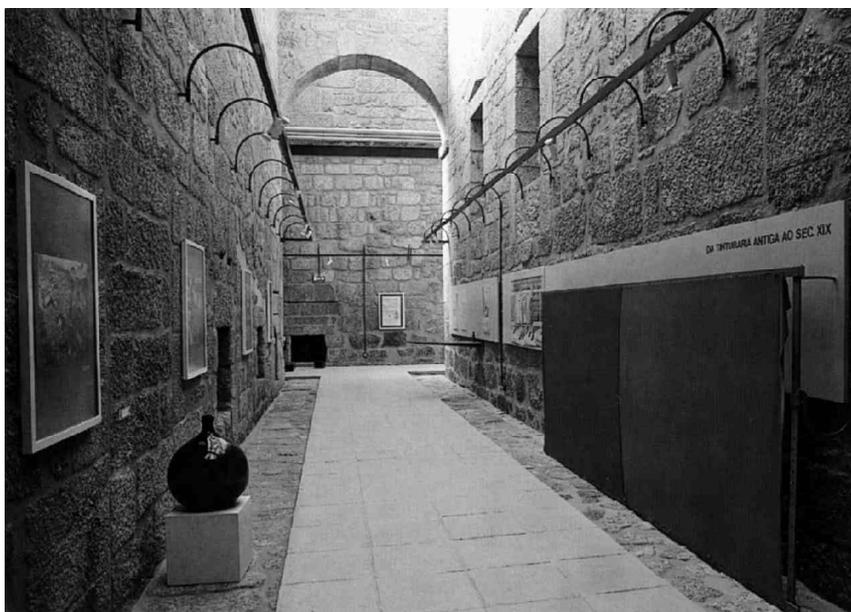
A publicação regular do boletim informativo do Museu é um dos vários

objectivos que agora pretendemos assegurar. Deste modo, após uma década de interrupção, o boletim regressa ao contacto com todos os amigos do Museu, com os interessados pelo património industrial e com o público em geral. Esta interrupção deveu-se, como foi atrás referido, aos sérios problemas internos então ocorridos, que também introduziram modificações radicais na orientação e conteúdo do Projecto, para além de uma tentativa de alteração do próprio nome do Museu. Ultrapassada esta situação, desejamos agora manter um contacto regular com os diferentes públicos do Museu, dos quais gostaríamos de receber críticas, sugestões e colaboração para concretização deste Projecto. Aguardamos as vossas propostas.

MUSEU DE LANIFÍCIOS DA UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR CONQUISTA O PRÉMIO APOM DE MUSEOLOGIA (TRIÉNIO 1999-2001)

O Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (UBI) foi distinguido como melhor museu do país pela programação e realizações levadas a cabo no triénio 1999-2001. O prémio foi atribuído, por unanimidade, pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM),

vo Histórico dos Lanifícios, e as Râmolas de Sol –, tendo-se já iniciado as obras de requalificação da antiga fábrica "Real Mendes Veiga", junto à Ribeira da Goldra, com vista à sua conversão no quarto núcleo museológico, consagrado ao período da industrialização; uma



Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Núcleo recuperado das Tinturarias da Real Fábrica de Panos da Covilhã – Corredor das Fornalhas I. © Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

tendo o Museu recebido este galardão mesmo sem ter formalizado antecipadamente qualquer candidatura à atribuição do mesmo. O Museu de Lanifícios da UBI contribuiu para o desenvolvimento da região ao aliar a investigação à conservação, sublinhou Fernando Bragança Gil, Director Museu da Ciência da Universidade de Lisboa, na entrega do prémio, no passado dia 10 de Outubro de 2002, numa cerimónia realizada no Colégio Luís António Verney, em Évora.

O Museu de Lanifícios dispõe de três núcleos museológicos – as Tinturarias da Real Fábrica de Panos, o Centro de Documentação / Arqui-

área de seis mil metros quadrados, que também passará a albergar o Centro de Documentação / Arquivo Histórico dos Lanifícios, para além de uma zona de estacionamento automóvel. A Directora do Museu de Lanifícios da UBI, Elisa Calado Pinheiro, pretende ainda que o novo núcleo museológico constitua o Centro de Interpretação do Ecomuseu de Lanifícios da Região da Serra da Estrela.

O Museu de Lanifícios da UBI está instalado na antiga Real Fábrica de Panos, fundada no séc. XVIII, na Covilhã, pelo Marquês de Pombal, e abriu as portas ao público em 30 de Abril de 1992.

EM SEIA: MUSEU DOS LANIFÍCIOS

A Câmara Municipal de Seia aprovou recentemente a criação do Museu Municipal dos Lanifícios, segundo informa o jornal Nova Guarda, cuja notícia transcrevemos de seguida. "O facto da indústria dos lanifícios ter tido ao longo de mais de um século um papel importante no desenvolvimento socio-económico de Seia, foi o sustentáculo para a proposta apresentada pelo presidente do Município, referindo que 'é fundamental preservarmos a nossa memória para melhorarmos o futuro'.

A indústria têxtil conta com uma grande tradição neste concelho, sendo Alvôco e Loriga dois grandes pólos de actividade laneira no início do século. Tendo em conta as quebras que se têm registado neste sector, ainda tem um peso bastante importante na economia local, com maior incidência nas décadas de 60, 70, e 80, empregando vários milhares de trabalhadores, sobretudo a Vodatrex e a Fisel.

O sector ainda resiste apesar das crises e é tempo de preservar a memória, com este objectivo serão recuperados alguns equipamentos e outros serão recriados, o qual será guardado (a BeiraLã disponibilizou um pavilhão para este efeito) e catalogado para posterior apresentação em local próprio.

Para que este objectivo seja cumprido, foi constituído um grupo de trabalho composto por Sérgio Reis (artista plástico), Filomena Carvalho (Técnica do Arquivo Municipal da Câmara), Manuel Sousa (Director da Escola Evaristo Nogueira), Joaquim Melo, Alfredo Abrantes e José Dias (pessoas ligadas à actividade dos lanifícios)".

Uma das possibilidades para a localização deste museu é na freguesia de Alvôco da Serra, uma das primeiras do concelho de Seia a conhecer a industrialização, precisamente com fábricas de lanifícios.



CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

Presidente da Câmara
Arq.º Armindo Costa

**Assessor da Presidência para a
Cultura e Educação**
Dr. Leonel Rocha

Ficha Técnica

MUSEU DA INDÚSTRIA TÊXTIL

Boletim Informativo

Director
José Manuel Lopes Cordeiro

Redacção e Administração
Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave
Rua José Casimiro da Silva
Outeiro – Calendário
4760-355 Vila Nova de Famalicão
Tel.: 252 313 986
Fax: 252 323 751
E-mail: mitextil@cm-vnfamalicao.pt

Propriedade e Edição
Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

Periodicidade
Semestral

ISSN
0871-3235

Depósito Legal
26509/89

Execução Gráfica
Litografia A.C. – Braga

Tiragem
2.500 exemplares

Publicação registada na Secretaria-Geral
do Ministério da Justiça

Assinatura Anual
(individuais)
Portugal: 5,00€
União Europeia: 10,00€
Resto do mundo: 15,00€
(instituições)
Portugal: 10,00€
União Europeia: 20,00€
Resto do mundo: 25,00€

Preço deste número
3,00€

A I Série deste publicação é composta por quatro números, que se editaram entre 1990 e 1992, então como boletim informativo do Núcleo Museológico de V. N. Famalicão. A II Série, actualmente em publicação, é editada pelo Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave / Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

Solicita-se permuta • Exchange wanted
Nous souhaitons établir l'échange
Tauchverkehr erwünscht
Sollicitiamo intercambio

notícias

O NOSSO HOMÓNIMO: O MUSEU DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO BRASIL

Foi uma agradável surpresa termos tomado conhecimento da existência, no Brasil, de um museu com um nome exactamente igual ao nosso – Museu da Indústria Têxtil. Ainda em fase de instalação, o Museu da Indústria Têxtil – José Inácio Peixoto Filho, de seu nome completo, conserva um acervo de máquinas da indústria de fição e tecelagem, em perfeito funcionamento, datadas de 1920 até 1950. O seu objectivo é a preservação, além das máquinas, da vasta documentação da extinta "Indústrias Irmãos Peixoto", sede do actual Instituto Francisca de Souza Peixoto, permitindo aos investigadores encontrar um

acervo especializado no ramo da indústria têxtil.

O Museu foi formado com base na doação dos espólios de várias empresas, como a Cofitap (Mirai), a Fábrica de Tecidos São Pedro de Alcântara (Petropolis), além dos equipamentos conservados pela Companhia Industrial Cataguases.

Para concretizar os seus objectivos, o Museu procura estabelecer parcerias com empresas e com o governo, de forma a tornar possível sua plena existência em 2005, ano do centenário da Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguases, o qual constitui também o marco inicial da actividade têxtil em Cataguases.

NOVO DESDOBRÁVEL DO MUSEU

O Museu da Indústria Têxtil editou recentemente um novo desdobrável, em português e inglês, com o objectivo de divulgar

o MIT junto do público e dos turistas que nos visitam durante o período estival, e também para dar conhecimento do Projecto do Museu durante os trabalhos da XII Conferência Internacional do TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage – a mais importante manifestação científica na área do património e da museologia industrial, que se realizou na Rússia em Julho deste ano. Para além da indispensável informação sobre localização, horá-

rios de abertura ao público, etc., o desdobrável foca três temas essenciais – a história da indústria têxtil

na Bacia do Ave, a constituição do Museu da Indústria Têxtil e alguns aspectos da sua actividade, como sejam, a colecção de maquinaria têxtil histórica e a actividade editorial do Museu.

Proximamente serão editados novos desdobráveis do MIT, em português e em várias línguas es-

trangeiras, de modo a divulgar o Museu junto dos mais variados públicos e de forma a reforçar a atracção que este já exerce, nomeadamente junto do público estudantil.

